



O autor comenta a decisão de transformar o Hospital da Mulher em um braço do Hospital das Clínicas de São Paulo e transcreve trechos da carta de demissão que encaminhou ao então Governador em protesto à medida.

## “STABAT MATER”

Folha de S. Paulo  
Artigo publicado em 17.05.99

O governador do Estado e seu secretário da Saúde chamaram o diretor da Faculdade de Medicina da USP e comunicaram a ele que o prédio do Instituto da Mulher será terminado com a condição – pasmem – de não ser Instituto da Mulher; orientaram-no para lotear o edifício entre diferentes setores, ainda a definir, do Hospital das Clínicas.

A utilização esdrúxula do prédio, sem critérios definidos, substitui um projeto elaborado com cuidado pela secretaria em 87/88, por solicitação do próprio HC e com sua participação, pedido insistentemente pelo Conselho Estadual da Condição Feminina e por grupos organizados de mulheres, altamente necessário, oficializado por decreto governamental (29.056, de 26/10/88) e com bons resultados comprovados pelos 15 anos do Instituto da Mulher da Unicamp (tido pela OMS como referência para a América Latina) e pelos dez anos do hospital Pérola Byington.

Não vou lamentar a frustração de um projeto ao qual dediquei a vida. Mas não posso deixar de denunciar essa terrível agressão em nome dos que verdadeiramente perdem (e muito): as mulheres, o HC e o Estado de São Paulo.

Com as gestões incompetentes das políticas de saúde do País, do Estado e do município (que incluem o estelionato da CPMF, a privatização de hospitais públicos

de referência, as falcatruas do PAS e as pirotecnias que substituem uma política de saúde séria, que não é praticada), a população de São Paulo está cada vez mais desassistida.

Com a feminização da pobreza e da doença, causada por recessão e desemprego, o maior agravo recai sobre as mulheres. Nossa mortalidade materna é 30 vezes maior que a dos Países desenvolvidos (a infantil é alta, mas “apenas” três vezes maior); morrem anualmente 7.000 mulheres de câncer de colo uterino (doença sexualmente transmissível e totalmente evitável); acentua-se terrivelmente a feminização da Aids; infecções do trato reprodutivo vitimam cada vez mais mulheres.

Nada disso, apesar de significar sofrimento e morte, sensibiliza aqueles que podem se internar no Albert Einstein ou no Incor e ser tratados com eficiência e conforto, a mesma eficiência que oferecíamos a todas as mulheres no Pérola Byington e que continuamos a dar no Departamento de Obstetrícia e Ginecologia do HC, ainda que com grande limitação de leitos e espaço, situação que melhoraria no Instituto da Mulher.

O instituto foi planejado para ser referência universitária do Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, coordenando-o e atendendo às ações de saúde de maior complexidade referenciadas por centros de saúde e hospitais regionais. Nele trataríamos os casos mais complexos de câncer, endometriose, fertilização assistida, medicina fetal, gravidez de alto risco, reprodução humana, endocrinologia, ginecologia, recém-nascidos que precisassem de UTI etc. – tudo o que falta às mulheres que não podem pagar o preço altíssimo dos planos de saúde mais abrangentes. Lá cumpriríamos as funções acadêmicas de ensino, pesquisa e multiplicação do modelo do programa.

O secretário da Saúde de São Paulo, que, além de incompetente, é capaz de pôr ódios pessoais acima de

Com as gestões  
incompetentes  
na saúde,  
a população  
de São Paulo  
está cada  
vez mais  
desassistida



interesses coletivos, não só proíbe o Instituto da Mulher (que já sabotara quando não aceitou R\$ 17,5 milhões, a fundo perdido, incluídos no Orçamento federal de 97 para terminá-lo), mas também desativa 80% dos atendimentos do Pérola Byington, não implanta corretamente o programa de atenção e finge colocar em funcionamento novos hospitais públicos (na realidade, privatizados). Como é difícil obter lucro com o SUS, esses hospitais só funcionarão plenamente se puderem vender serviços, como foi proposto pela secretaria à Assembléia Legislativa -a qual, eticamente, não autorizou a prática vergonhosa de duas portas em hospitais públicos.

As mulheres de São Paulo não merecem isso. Fiz carta ao governador, reiterando a filosofia do instituto e a enorme necessidade dele, baseada em dados concretos. Não recebi resposta, o que lamento. Transcrevo um dos últimos parágrafos: "Quero lhe dizer, Mário, que não me move interesse pessoal; não usufruo economicamente dessa instituição e dentro de seis anos estarei compulsoriamente aposentado. Se você ou seu secretário da Saúde quiserem, posso abdicar oficialmente da direção do Instituto da Mulher desde já, sem nenhum constrangimento, mas não da luta pela sua concretização".

É difícil entender que o HC possa ter e ampliar institutos de ortopedia, radiologia, radioterapia, psiquiatria, o da Criança e o do Coração, mas seja proibido de continuar um instituto dedicado à mulher (que é quem mais precisa), construído para isso e incorporado, por decreto do governador, aos estatutos e regimentos do HC, por decisão do seu conselho. Termino lembrando Martin Luther King: o que me angustia não é só a destruição causada por incompetência e ódio de alguns, mas a passividade da maioria, que, pressionada pelo poder, observa calada.